
PAPÉIS, PLACAS E “PAPOS”: UM MERGULHO NOS ARQUIVOS E NA MEMÓRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, CEARÁ

Jörn **SEEMANN**

Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri (URCA)

jornseemann@gmail.com

CV: <http://lattes.cnpq.br/3145349748881926>

Bruna dos Santos **MOREIRA**

Graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

brunacrato@yahoo.com.br

Lidiane Bernardo **GOMES**

Graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

lidigomes3@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho relata os resultados e problemas de uma pesquisa qualitativa sobre a reconstrução do passado do Curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri que completou 50 anos no dia três de março de 2014. O artigo discute métodos qualitativos para o estudo geográfico de arquivos e memória e apresenta detalhes sobre as informações extraídas no acervo do Departamento de Ensino e Graduação (DEG) que é responsável pelo armazenamento da documentação (históricos e diários) do Curso de Geografia e dos demais cursos. Com base nos resultados deste estudo, foram apontados pontos críticos deste tipo de pesquisa, com o intuito de indicar possíveis caminhos para estudar micro espaços acadêmicos.

Palavras chave: Arquivos. Espaços acadêmicos. Memória. Métodos qualitativos. História da geografia. Geografias menores

PAPERS, PLAQUES, AND "PALAVERS": DIVING INTO THE ARCHIVES AND THE MEMORY OF THE GEOGRAPHY PROGRAM AT THE REGIONAL UNIVERSITY OF CARIRI, CEARÁ

Abstract: The present paper reports the results and problems of a qualitative research project about the reconstruction of the past of the Geography Program at Universidade Regional do Cariri, which completed 50 years on March 3rd, 2014. The article discusses qualitative

methods for the geographic study of archives and memory and presents details about the data extracted from the archives of the Department of Teaching and Undergraduate Studies (DEG) that is responsible for the storage of the documentation (transcripts and class diaries) of the Geography Program and other courses. Based on the results of this study, critical aspects of this kind of research are pointed out, with the intention to indicate possible ways to study academic micro spaces.

Keywords: Archives. Academic spaces. Memory. Qualitative methods. History of geography. Minor geographies

PAPELES, PLACAS Y CONVERSACIONES: UNA APROXIMACIÓN A LOS ARCHIVOS Y LA MEMORIA DE LA CARRERA DE GEOGRAFÍA DE LA UNIVERSIDAD REGIONAL DE CARIRI, CEARÁ.

Resumen: El trabajo relata los problemas y resultados de una investigación cualitativa que reconstruye la historia de la carrera de Geografía de la Universidad Regional de Cariri al cumplirse, el día 3 de marzo de 2014, cincuenta años de su creación. El artículo discute los métodos cualitativos utilizados para el estudio geográfico de los archivos y de la memoria partiendo de informaciones recopiladas del acervo del Departamento de Enseñanza y Graduación, responsable de la documentación de la carrera de Geografía, entre otras. Los resultados de este estudio permiten identificar puntos críticos de este abordaje con la finalidad de indicar posibles itinerarios para el estudio de los micro espacios académicos.

Palabras clave: Archivos. Espacios académicos. Memoria. Métodos cualitativos. Historia de la geografía. Geografías menores.

INTRODUÇÃO

Departamentos acadêmicos nas universidades, na sua função como micro espaços e lugares de convivência pessoal e profissional, são raramente estudados em pesquisas geográficas. Possíveis razões são a falta de distância física e/ou psicológica do pesquisador com o seu objeto de estudo e a rejeição de considerar espaços institucionais como tema para investigações científicas. Na maioria das vezes, esses espaços de conhecimento são considerados meros órgãos de ensinar geografia ou unidades administrativas em vez de

lugares com suas próprias geografias, histórias e memórias (LORIMER, SPEDDING, 2002; LORIMER, 2003; WITHERS, 2008; LORIMER, PHILO, 2009).

O resgate do passado e da genealogia desses ambientes é imprescindível para a identificação com um curso ou programa de graduação ou pós-graduação, levando-se em conta que o registro e a reconstrução dessas memórias ajudam a fortalecer identidades profissionais, consolidar a cultura acadêmica e construir uma consciência de ter “uma coisa em comum” entre os docentes e discentes. Assim sendo, a documentação e fixação da memória se tornam a chave para o pertencimento a um lugar e a uma profissão. Um curso, as suas instalações, as pessoas envolvidas e os documentos acumulados se tornam objetos e sujeitos de pesquisas geográficas, praticamente um acervo vivo que está aguardando a sua consulta.

Sob essa premissa, o objetivo deste artigo é relatar tanto as experiências bem-sucedidas como as frustrações sofridas em um projeto de pesquisa sobre a reconstrução parcial da memória do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Regional do Cariri, em face do debate sobre o uso de métodos qualitativos na geografia. Criado pela antiga Faculdade de Filosofia do Crato no dia 3 de março de 1964, o curso é um dos mais antigos no Sul do Ceará. Portanto, mesmo com meio século de existência, há poucos registros escritos sobre o seu passado.

Dividiu-se o texto em três partes: inicialmente serão discutidos brevemente os termos arquivo e memória e sua inserção em pesquisas nas ciências sociais e na geografia. Em seguida, apresenta-se uma reflexão crítica sobre a metodologia em trabalhos qualitativos na prática. O estudo de caso do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Regional do Cariri servirá como exemplo empírico para discutir métodos e resultados deste tipo de pesquisa, com o intuito de estimular um debate mais amplo no ambiente da história da geografia e da educação geográfica no Brasil.

ARQUIVOS E MEMÓRIAS

A consideração da importância dos arquivos e da memória dentro do meio acadêmico nos leva a refletir sobre seus significados. Nesse sentido, relatam-se as definições de alguns autores que trabalharam com esses termos. No contexto de documentos digitais, o historiador Lopes (2000) conceitua arquivos como

acervos compostos por informações orgânicas originais, contidas em documentos registrados em suportes que permitam a gravação eletrônica, mensurável pela sua ordem binária (bits); produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, decorrentes do desenvolvimento de suas atividades, sejam elas de caráter administrativo, técnico, artístico ou científico, independentemente de suas idades e valores intrínsecos (LOPES, 2000, p.33)

Pode-se observar a partir dessa definição ampla que o termo arquivo engloba qualquer material original que possa ser gravado, guardado e compartilhado. Falta acrescentar que arquivos não são fatos neutros e objetivos, mas documentos que ganham significados, porque narram e relatam eventos, histórias e acontecimentos. Eles “tratam, sobretudo de provar, de testemunhar alguma coisa” (BELLOTTO, 1991, p.15). Esta afirmação confirma algo que sempre esteve presente na vivência do ser humano, ou seja, a necessidade de registrar sua história e suas experiências. Os registros arquivados são tidos como prova de um determinado fato que aconteceu no passado, mas que pode ter um impacto no presente.

Diante da possibilidade de reconstrução da memória através de arquivos depara-se também com a necessidade de conceituar esse termo. Nesse contexto, a definição de memória dada por Bosi (1994) confirma o fato de que o arquivo é uma das maiores possibilidades de se trabalhar com a memória. De acordo com essa autora “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (BOSI, 1994, p.46). Assim, a experiência de ouvir as histórias de vida das pessoas permite reconstruir o presente, tomando-se por base histórias individuais e visando a caminhar para o entendimento de uma história comum e fortalecer as identidades coletivas e as relações sociais no presente. Mais adiante, Bosi (1994) destaca alguns elementos na construção da memória de um indivíduo, tendo como recurso a história oral: a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994, p.54).

O trabalho com memória fortalece o sentimento de identidade e pertencimento das pessoas através do estímulo à pesquisa da história e memória do objeto (lugar) analisado. Quanto à memória como fortalecedora da identidade, Rousso (1998) destaca que

Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 1998, p.94-95).

A memória está viva e atuante entre nós, e para que ela esteja sempre atuante é necessário estimular a lembrança, porque, de acordo com Bosi,

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (BOSI, 1994, p.46, grifo do autor).

Portanto, é possível afirmar que existem inúmeros conhecimentos/lembranças no inconsciente da mente que estão desordenadamente arquivados e que precisam ser estimulados para que venham à tona. Às vezes, um lugar, um objeto, uma foto, uma pessoa ou até mesmo uma conversa nos traz lembranças esquecidas que nos ajudam a questionar e repensar o passado e entender a configuração atual. Em outras palavras, a memória não é algo para ser meramente registrado e preservado. Precisa ser resgatado, recuperado e reconstruído:

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiência. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se, também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto friável submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa ser não só preservada, mas restaurada na sua integridade original (MENESES, 1992, p.10).

Em outra publicação mais recente, o mesmo autor vai além das discussões teóricas ao enfatizar as questões metodológicas e a necessidade de inserir os estudos da memória em um campo mais amplo de história da memória:

Em suma, já seria tempo (...) de começar uma *História da memória*, que seria não apenas a história das teorias sobre a memória, mas se imbricasse nas práticas e representações mnemônicas e rememorativas das sociedades e grupos, incluindo seus suportes e estratégias de apropriação, tendências, móveis, conflitos efeitos, reciclagens etc. etc. Nesta perspectiva pesquisar o universo de *gestão* da memória e, em particular, daquilo que se poderia chamar de *economia política da memória* seria de extrema oportunidade (MENESES, 1999, p.11-12, grifo no original).

Portanto, o confronto das ideias desses autores sobre memória leva a seguinte conclusão: a memória é um objeto representativo do passado que encontra perspectiva de

intervenção no presente. É algo que está “vivo”, tendo sido pronto e acabado no passado, mas que permite ser resgatado e usado dentro de suas possibilidades de originalidade no presente. Segundo Bosi (1994),

Lembrar não é reviver, é reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (...). A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual... (BOSI, 1994, p.55).

Nas últimas duas décadas, geógrafos humanos têm mostrado um interesse crescente no estudo de arquivos e documentos históricos para reconstruir lugares, ambientes e modos e práticas geográficas do passado (BLOUIN, ROSENBERG, 2007; GAGEN, LORIMER, VASUDEVAN, 2008; LORIMER, 2010; MILLS, 2013). A partir de registros escritos, orais e fotográficos, esses geógrafos investigam como pessoas conceberam, perceberam e produziram espaços, sendo que o passado também serve como ponto de partida para compreender a configuração espacial do presente.

Ênfase especial é dada a questões de memória e identidade e à pesquisa em arquivos (coleções pessoais ou acervos oficiais), não apenas como repositórios de papéis e poeira, mas como experiências e processos (LORIMER, 2010). Para os geógrafos, arquivos não se restringem ao material e às coisas “velhas”, mas também incluem discursos, práticas e pessoas que constituem um corpo de conhecimentos, acumulados desordenadamente (WITHERS, 2002, p.305). A combinação de registros materiais e imateriais com lugares e seres humanos gera “espaços de conhecimento”, que são agrupamentos de lugares, pessoas e atividades com uma dinâmica própria (TURNBULL, 2000, p.19). Trabalhar com essas fontes de informações não consiste apenas no “descobrimento” de detalhes, histórias, fatos e dados, mas também engloba a criação de novos arquivos (WITHERS, 2002, p.303).

Departamentos acadêmicos como objetos de pesquisas e arquivos são um caso particular. Por que estudá-los? Há pelo menos dois argumentos fortes: o desejo de saber mais sobre a sociologia da produção geográfica nas universidades e, em um contexto mais amplo, a compreensão do departamento como lugar de conhecimento: “Se os laboratórios e os arquivos podem ser examinados geograficamente como sítios de produção de conhecimento, por que não o departamento de geografia por si mesmo” (WITHERS, 2002, p.306).

Para escavar essas histórias e geografias, os geógrafos começaram a refletir mais profundamente sobre as metodologias necessárias para obter e interpretar dados e salvar e

assegurar conhecimento. Para enfrentar esses questionamentos, métodos qualitativos de pesquisa como etnografias, entrevistas e histórias de vida têm se tornado assuntos centrais nos debates da disciplina (DELYSER et al., 2010; HAY, 2010; RAMIRES, PESSOA, 2009).

O trabalho nos acervos não é necessariamente uma busca por documentos e discursos oficiais, mas visa trazer à luz algo que chamamos de geografias menores ou efêmeras. Oliveira Jr. (2009) define esse termo como arranjos, ângulos e atitudes diferentes que ajudam a questionar e repensar o que é acriticamente aceito como geografia maior. Em outras palavras, não se trata de uma busca por “uma definição pronta e acabada dos conceitos geográficos, mas [tem como objetivo] se imiscuir nas condições da vida cotidiana, no entendimento do espaço geográfico como uma multiplicidade de histórias até agora” (FERRAZ, MONTAGNOLI, 2010, p.102). O processo não abrange apenas os registros oficiais, mas, também, inclui depoimentos informais, testemunhos espontâneos, rabiscos no papel, recortes de jornal ou outras banalidades ou retalhos que ajudam a traçar uma imagem plural e diversificada de uma pessoa, um objeto ou um evento.

Em muitas universidades, centros de documentação e memória já fazem parte do espaço acadêmico, principalmente nas áreas de ciências humanas e sociais, letras e artes, proporcionando o trabalho interdisciplinar. Esses órgãos das universidades expõem como principal característica a reunião, a preservação e a organização de arquivos e documentos. Com essa organização, os acervos ficam disponíveis para futuras consultas, servindo de apoio para pesquisas realizadas por alunos e professores da comunidade acadêmica (CAMARGO, 1999).

Para trabalhar com a (re)construção da memória é necessário se pensar em mecanismos e métodos para manter a memória preservada e acessível, dentro das suas condições de originalidade, ou seja, é imprescindível ter um plano estratégico para a criação de um acervo. Estamos diante de uma nova perspectiva dentro do ambiente acadêmico, visto que existem poucas referências de reconstrução de memória departamental. A maioria dos acervos dos quais tivemos conhecimento é referente à preservação da história nacional, mesmo sendo localizado dentro de universidades. Para Camargo (1999),

A necessidade de constituir bases sólidas de informação impõe-se no mundo contemporâneo, como condição indispensável ao desenvolvimento científico e cultural, sob pena de comprometer a produção acadêmica no que se refere à sua inserção num circuito informacional e internacional...esses acervos, organizados e tornados disponíveis à consulta, servem sobretudo de apoio às pesquisas realizadas por docentes e alunos da comunidade acadêmica (CAMARGO, 1999, p. 49-50).

Nesse sentido, a preservação da memória em arquivos universitários se torna imprescindível para que mais pessoas possam ter acesso à informação, principalmente diante da realidade de um mundo vivenciado cada vez mais digitalizado e virtual. Ainda de acordo com Camargo (1999, p.55), “esses centros só realizam sua função essencial se estiverem em sintonia com o modo como o conhecimento está sendo construído hoje”.

Criar um acervo material dentro da instituição acadêmica requer esforço e perseverança. Nem sempre, a iniciativa de resgate da memória é abraçada pela comunidade. Pode ter jogos de interesse, ocultação de informações ou resistência aberta, além da questão do apoio financeiro e da disponibilidade de espaço físico para abrigar o acervo por parte da universidade. Nesse contexto, Silva (1999) aponta para o fato de que:

[a] universidade não ficou alheia a esse debate... o mesmo “desinteresse” anteriormente constatado em outras instâncias foi transplantado para as instâncias universitárias em relação a esses acervos, embora por parte das autoridades universitárias a insistência sobre a importância da pesquisa em suas diferenciadas dimensões. Todos os elementos apontam naquela direção, pois o empenho em termos de suporte financeiro e de infraestrutura por parte das autoridades universitárias ainda é irrisório. O trabalho desenvolvido nesses espaços é resultante do esforço e teimosia de poucos (SILVA, 1999, p. 88).

Em seguida, relataremos alguns detalhes do nosso “esforço e teimosia” no intuito de reconstruir a memória do Curso de Geografia da URCA.

SUCESSOS E FRACASSOS METODOLÓGICOS

Originalmente, o projeto de pesquisa tinha a ambição de reconstruir a memória do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Regional do Cariri através de métodos qualitativos como entrevistas individuais, grupos focais, histórias de vida, a coleta de material visual como fotografias, a leitura de placas comemorativas e documentos encontrados nos gaveteiros do departamento.

Portanto, muitas dessas atividades terminaram em decepção ou frustração. Depois de conduzir uma meia dúzia de entrevistas com funcionários e professores, os pesquisadores sentiram tensões e uma falta de vontade de falar sobre a história do curso. Havia pessoas com boa vontade, mas muitos informantes potenciais simplesmente ignoraram o projeto ou abertamente

recusaram-se a colaborar. Criou-se uma atmosfera de insegurança, porque os conhecimentos sobre o curso ficaram misturados com a vida pessoal das pessoas, revelando atritos pessoais e conflitos não resolvidos.

A criação de uma página no *facebook* foi uma estratégia que evitava o contato direto com as pessoas. “Geografia URCA - 50 Anos de História” entrou na rede social virtual em maio de 2013, cerca de dez meses antes da data comemorativa. O objetivo desse grupo foi obter informações que viessem a contribuir com a pesquisa sobre a reconstrução da memória do curso ao longo dos seus 50 anos. A estratégia principal foi a ideia de que as pessoas que solicitavam participar do grupo pudessem contribuir com informações relacionadas a pessoas que já passaram pelo departamento, seja na qualidade de aluno ou professor, principalmente na década de 70/80, e que pudessem fornecer fotos e outros materiais pertinentes ao tema pesquisado.

Na fase inicial desse grupo na internet, havia a participação de alunos de turmas recentes ou atuais que enviaram fotos de aulas de campo ou salas de aula, sem comentários mais profundos ou um contexto histórico – material que não passava do imediatismo imagético da postagem de fotos no *facebook*. Em pouco tempo, os internautas perderam o interesse nessa iniciativa, e outros tipos de mensagens começaram a aparecer na página: questões administrativas (como mudar de turno?), a divulgação de eventos e concursos públicos, desabafos pessoais e até propaganda para pacotes de turismo. O último post foi feito no dia 8 de outubro 2013. Desde então, não havia mais postagens na página.

Essas duas estratégias malsucedidas ameaçaram a continuação do projeto. Ganhava-se a impressão de que o departamento não queria ser lembrado, mas ser esquecido, como um organismo vivo que se defende contra a entrada de algo estranho no seu corpo. Podiam-se comparar esses resultados iniciais com o destino da galeria de placas comemorativas que enfeitam as paredes dos corredores no campus: peças pesadas de granito ou mármore (algumas protegidas com vidro), com fotos das turmas, uma lista dos nomes de alunos, patrocinadores e paraninfos e uma citação relevante e cativante sobre a profissão de geógrafo. Muitas placas já sofreram o impacto do tempo: infiltrações estragaram as fotos e apagaram as letras douradas dos nomes; alguém pichou ou riscou a pedra ou colou um adesivo na superfície. A figura 1 mostra uma dessas placas: a foto perdeu as suas cores e da palavra geografia restaram apenas as letras GOG.

Figura 1: Placa comemorativa da turma concludente de 2006.2



(Foto: Jörn Seemann, 02 de fevereiro de 2015)

Diante de tantos fracassos e frustrações, o projeto de pesquisa mudou de rumo, quando, em conversa informal nos corredores da universidade, a reitora da universidade mencionou que o Departamento de Ensino e Graduação (DEG) dispunha de um acervo com dados de todos os alunos desde a fundação da Faculdade de Filosofia no começo dos anos 60 do século passado. A partir deste momento, os registros materiais do acervo do DEG se tornaram a fonte principal para a (re)construção das memórias e geografias do Departamento de Geociências, dando ênfase nos dados sobre a fundação do Curso de Geografia e informações tiradas das pastas individuais dos formandos e das cadernetas de frequência. Visava-se valorizar cada detalhe encontrado na tentativa de escavar informações “esquecidas” ou efêmeras que contribuiriam para obter uma ideia do ensino de Geografia na URCA no passado e no presente. Para essa finalidade, era preciso mergulhar nos arquivos do DEG.

MERGULHANDO NOS ARQUIVOS

O Departamento de Ensino e Graduação (DEG) armazena os documentos de todos os cursos desde os tempos da antiga Faculdade de Filosofia do Crato (fundada em 1960) e posteriormente da Universidade Regional do Cariri (1987-presente), inclusive as informações administrativas sobre os alunos e as aulas do Curso de Licenciatura em Geografia. O material

é armazenado em um armário em estilo “sanfonado”, em ordem cronológica e por curso (figura 2). Para cada ano, há um conjunto de pastas com nomes em ordem alfabética.

Figura 2: Armário do arquivo morto do DEG



(Foto: Bruna Moreira, 18 de setembro de 2014)

No caso da Geografia, existem aproximadamente 655 pastas de alunos formados entre os anos de 1967 a 1987. Para a nossa pesquisa priorizamos as informações do período de antes da instalação da Universidade Regional do Cariri em março de 1987, devido ao grande volume de dados e às limitações de tempo para realizar a pesquisa. No interior dessas pastas encontram-se envelopes com a documentação e informações pessoais de cada aluno. Esse material exigia extremo cuidado no seu manuseio por causa do estado de conservação do papel em algumas das pastas: muitas folhas frágeis e amareladas pelo tempo, algumas já em estado avançado de decomposição.

Para ilustrar melhor os conteúdos dessas pastas, descrevemos os itens de um dos envelopes com a documentação pessoal de uma das alunas da primeira turma cujo nome será deixado no anonimato. O envelope contém uma série de documentos sobre a formação e a vida acadêmica e pessoal da aluna, inclusive duas fotos em preto-e-branco em formato três por quatro, o comprovante da taxa de inscrição para o vestibular e cópias do título de eleitor, certidão de nascimento, carteira de identidade, histórico escolar ginasial (corresponde atualmente ao histórico do Ensino Médio) que contém disciplinas cursadas notas e médias, certificado de conclusão do ginasial e diploma de professor primário/normalista. Esse último documento era de fundamental importância para aqueles que pretendiam fazer o concurso de

habilitação, pois só podiam concorrer aqueles que já tinham experiência em sala de aula e completado o Curso Pedagógico Normal que consistia em uma habilitação para comprovar a aptidão pedagógica para exercer o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental.

Também foi anexada uma ficha pessoal de duas páginas na qual constavam os dados gerais (nome, filiação, endereço), o resultado da prova do vestibular (“concurso de habilitação”), as datas de requerimento de matrícula e o histórico curricular (“vida escolar”) por ano de estudo. Para ingressar na faculdade, a candidata teve que se submeter a uma prova de conhecimentos de português, língua estrangeira (francês) e área de estudo, neste caso, sociologia (outras opções eram geografia e história). Matemática apenas se tornou assunto do vestibular em anos posteriores. A aluna obteve as notas 4,0, 6,0, 6,0 respectivamente, somando um total de 16,0 pontos o que a deixou no segundo lugar na classificação. O histórico consistia em uma tabela relatando as disciplinas por série (ano letivo, subdividido em dois semestres) e as respectivas notas para as aulas teóricas e o estágio na matéria (figura 3).

Figura 3: Exemplo de um histórico escolar (“vida escolar”) dos anos 60

VIDA ESCOLAR										
SÉRIES E DISCIPLINAS	Primeiro Semestre			Segundo Semestre			Média Anual	N. E. P.	Média Final	OBSERVAÇÕES
	Nota	Estágio	Média	Nota	Estágio	Média				
19 64	1a. série									
Sociologia Geral	75	70	725	80	80	80	762		762	
Introd. aos Est. Geográficos	85	70	775	70	70	70	762		762	
Cartografia	70	70	70	75	70	70	70		70	
Botânica Geral	70	90	80	70	70	70	75		75	
Geografia do Brasil	80	80	80	80	80	80	80		80	
Economia	85	100	925	85	100	925	925		925	
Intr. aos Est. Fil. e Sociol.	80	80	80	80	80	80	80		80	
Cultura Religiosa									825	
19 65	2a. série									
Didática da Geografia			90			90	90		90	
Língua Francesa			70			70	70		70	
Geografia Regional			100			100	100		100	
Geologia			80			80	80		80	
Antropologia Cultural			80			80	80		80	
Administração Escolar			100			100	100		100	
1966	3a. série									
Geografia Física	80	60	70	50					63	
O.S.P.B.			80			80	80		80	
Geomorfologia			90			90	90		90	
Cartografia	70	825	762			60		60	64	
Didática Geral	90	80	85	80	100	90	875		875	
Psic. da Educ. e Aprend. do Esc.	100	90	95			70			96	
19 67	4a. série									

(Foto: Bruna Moreira, 18 de setembro de 2014)

No primeiro ano, a aluna cursou oito disciplinas, entre essa Introdução aos Estudos Geográficos, Botânica Geral, Sociologia Geral, Geografia do Brasil e Cultura Religiosa. Geografia Regional (1965 e 1967) e Cartografia (1964 e 1966) foram cursadas por dois anos não consecutivos. A grade não é muito diferente da oferta de disciplinas na atualidade. Em 1966, a aluna se matriculou na disciplina OSPB, a sigla para Organização Social e Política do Brasil, introduzida na educação brasileira por Anísio Teixeira em 1962, e tirou a nota final 80 (=8,0). O curso era, assim como atualmente, de quatro anos e, inicialmente, era dividido em períodos que duravam um ano cada, ou seja, cada disciplina era cursada em um ano. Em 1971, os períodos começaram a ser chamados de ciclos (com disciplinas semestrais) que, por sua vez, começaram a ser apelidados de semestres em 1981.

Mais dois documentos obrigatórios se encontravam no envelope. O atestado de conduta ou idoneidade moral era expedido pela Delegacia de Polícia e continha informações sobre os antecedentes criminais do aluno que pretendia ingressar na Faculdade de Filosofia do Crato. Na declaração constava que nos “livros rol dos culpados” e demais documentos existentes no arquivo da delegacia não se encontrava nenhuma nota “que desabone a conduta cívica e moral do requerente”.

O atestado de sanidade física e mental consistia em um documento escrito à mão e assinado por um médico que confirmava e comprovava a saúde mental perfeita do aluno, atestando que o aluno não possuía nenhuma doença infectocontagiosa (figura 4). Os seguintes conteúdos eram comuns: “atesto que [nome da pessoa] não sofre de moléstia infectocontagiosa. Foi revacinada contra a varíola. Tem psiquismo normal. É de compleição robusta e clinicamente sadia”.

Figura 4: Atestado de Sanidade Mental de uma aluna ingressante

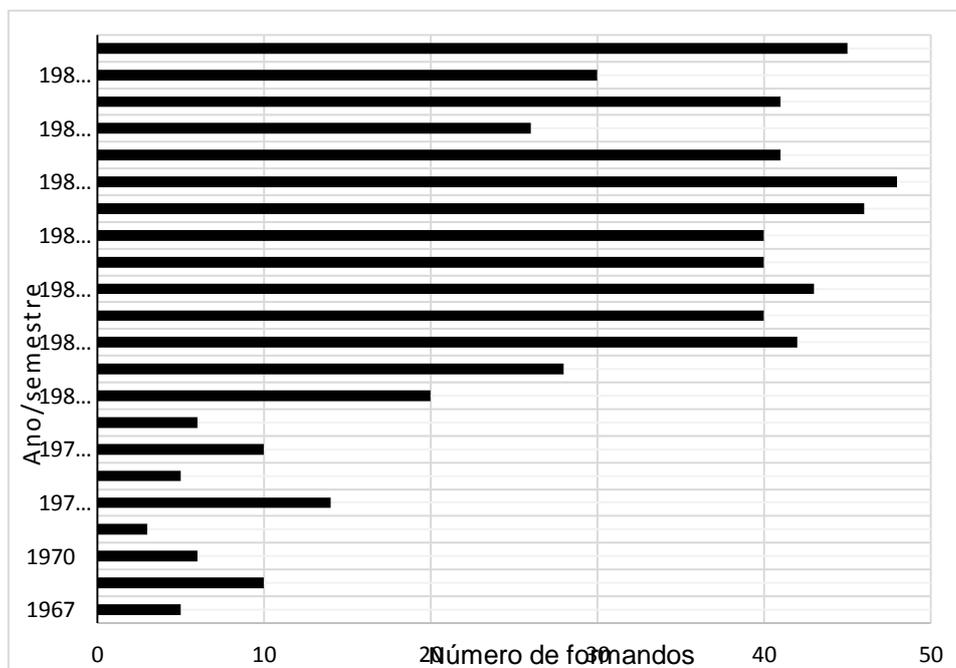


(Foto: Bruna Moreira, 18 de setembro de 2014)

Outro material encontrado no DEG são os diários que eram cedidos aos professores com o intuito de registrar as aulas (programas das disciplinas) e também as frequências dos alunos. De quase cinquenta anos para o presente, não aconteceram muitas mudanças na “cultura” de preencher a caderneta. Muitos diários apenas contêm informações muito reduzidas sobre os conteúdos das aulas; outros sequer foram preenchidos e mostram apenas assinaturas, faltas de alunos e notas.

Há mais uma fonte importante no arquivo do DEG que fornece detalhes sobre os alunos. O livro dos formandos data de 1964 e possui a relação de todos os alunos que passaram pela universidade de cinquenta anos atrás até os dias atuais. Com base nessas informações, foi possível apreender alguns detalhes como datas de colação de grau da primeira turma do curso e as consecutivas até 1987 e o número de formandos. Observamos que a primeira colação de grau do curso de Licenciatura em Geografia se realizou no dia 07/12/1967, uma colação especial na secretaria com somente uma pessoa. A somatória dos alunos das 30 colações de grau do curso de Geografia nos fornece um número de 462 formados no período de 20 anos, de acordo com o livro de formandos da Faculdade de Filosofia do Crato. O tamanho das turmas dos concludentes variava de três em 1972 a 48 no primeiro semestre de 1984 (figura 5). Não havia egressos da Geografia em 1971, 1974 e 1976, enquanto nos anos de 1968, 1973 e 1979 apenas se realizaram colações especiais.

Figura 5: Número de formandos no Curso de Geografia (1967 a 1986)



(Fonte: Lidiane Gomes, levantamento direto, setembro de 2014)

A leitura dos dados pessoais dos alunos no arquivo do DEG permite uma introspecção no passado. Há informações sobre a vida dos graduandos e sua trajetória pedagógica desde o ingresso na universidade até a sua formação como professor diplomado em geografia. Para ingressar em um curso de licenciatura, o candidato precisava de uma formação pedagógica no ensino médio.

Ao mesmo tempo, o material do DEG revelou detalhes sobre a estrutura e o funcionamento da universidade. Informações sobre a grade curricular, exigências acadêmicas, notas, disciplinas e conteúdos programáticos não apenas servem para reconstruir o passado, mas também contribuem para a discussão da reforma curricular do presente. A partir de dados das cadernetas de frequência detectamos algumas mudanças estruturais do Curso de Geografia como, por exemplo, a divisão da graduação em séries e não semestres, disciplinas lecionadas, a união do curso com outros cursos, disciplinas extintas como Língua Portuguesa, Francês e Inglês, Educação Física, Estatística Aplicada à Geografia, enquanto outras matérias apenas mudaram de nomenclatura.

CAMINHOS PARA TRILHAR

A pesquisa em acervos não é apenas sobre a coleta de dados dentro do espaço físico, mas também implica a possibilidade de construir um novo banco de dados que possa ser contemplado, compartilhado e atualizado continuamente. O que parece ser uma tarefa simples no papel, é um desafio grande na prática, porque arquivos e departamentos não são espaços sem problema, onde o pesquisador simplesmente passa seu tempo “fazendo geografia” (WITHERS, 2002, p.303).

Nessa perspectiva, foi possível reconstruir uma parte da história e da memória do Curso de Geografia da URCA, acessando criticamente os seus registros materiais. É importante destacar que para acessar ou obter determinados registros, a colaboração daqueles que fazem ou fizeram parte do objeto de estudo é de fundamental importância, sendo que no caso da (re)construção da memória do DEGEO, poucos contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, deixando o estudo inconclusivo. É importante ressaltar que o trabalho com a reconstituição de acervos é uma tarefa difícil, porque para desenvolvê-lo de maneira satisfatória não depende somente do bom desempenho dos pesquisadores, mas também da boa vontade da comunidade acadêmica envolvida.

Esta pesquisa abre espaço para um debate mais amplo sobre o curso, sua história, seu futuro e seu funcionamento e também contribui para a discussão sobre a geografia da educação e a educação da geografia no Brasil em termos gerais, destacando que a pesquisa

servirá como estudo de caso que permitirá a comparação com outros departamentos da Universidade Regional do Cariri, bem como outras instituições de ensino superior.

Pesquisar micro espaços como os departamentos dentro das universidades é um desafio, visto que esses espaços são frequentemente considerados como meros locais de acúmulo de questões burocráticas e educacionais rotineiras. Os professores “dão” aulas, os alunos estudam e os funcionários auxiliam nessas atividades. No entanto, através desta pesquisa podemos observar que esses lugares vão além de um mero espaço físico. Possuem em suas entranhas histórias esperando ser contadas e memórias querendo ser vividas. É necessário olhar de uma maneira diferente e diferenciada para os departamentos, pois neles residem memórias vivas carentes de pesquisa, de descoberta, de análise e vivência. É preciso estudar mais sobre esses espaços efêmeros e realizar uma verdadeira garimpagem nos acervos materiais e imateriais. Documentos jogados, à primeira vista, sem importância, placas comemorativas e conversas sobre o curso são partes de um quebra-cabeça ou uma colcha de retalhos de dados, depoimentos e imagens sobre esses micro espaços. Poucos departamentos acadêmicos registram a sua história e raramente há informações sobre as trajetórias dos seus estudantes durante e depois da conclusão do seu curso. Desconfia-se de que o sentimento de historicidade não está sendo priorizado entre a maioria dos geógrafos.

Em conclusão, há a necessidade de prestar mais atenção à discussão sobre métodos qualitativos na geografia e pensar sobre o seu uso nas pesquisas. Em termos gerais, o estudo de arquivos continua sendo visto como tarefa dos historiadores e não como competência da geografia. Seria uma pena se os geógrafos deixassem de lado esses *espaçotempos* que teriam muitas histórias geográficas para contar.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

BLOUIN Jr., Francis Xavier; ROSENBERG, William G. **Archives, documentation, and institutions of social memory**: essays from the Sawyer Seminar. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.) **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP/ FAFESP, 1999, p.46-63.

DELYSER, Dydia et al. (Org.). **The SAGE handbook of qualitative geography**. London: SAGE.

FERRAZ, Cláudio Benito; MONTAGNOLI, Rafael Lorencini. O ensino de geografia: a sala de aula e os saberes geográficos. **Geosaberes**, v.1, n.2, p.82-106, 2010.

GAGEN Elizabeth; LORIMER Hayden; VASUDEVAN, Alex (Orgs.). **Practicing the archive: reflections on methods and practice in historical geography**. London: Historical Geography Research Group, 2008.

HAY, Iain (Org.) **Qualitative research methods in human geography**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LOPES, Luis Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa**. Rio de Janeiro: Papéis e Sistemas, 2000.

LORIMER, Hayden. Telling small stories: spaces of knowledge and the practice of geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.28, n.2, p.197-217, 2003.

_____. Caught in the nick of time: archives and fieldwork. In: DELYSER, Dydia et al. (Orgs.) **The SAGE handbook of qualitative geography**. London: SAGE, 2010, p.248-273.

LORIMER, Hayden; SPEDDING, Nick. Excavating geography's hidden spaces. **Area**, v.34, n.3, p.294-302, 2002.

LORIMER, Hayden; PHILO, Chris. Disorderly archives and orderly accounts: reflections on the occasion of Glasgow's geographical century. **Scottish Geographical Journal**, v.125, n.3-4, p. 227-255, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 34, p.9-24, 1992.

_____. A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.) **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP/FAFESP, 1999, p.11-29.

MILLS, Sarah. Cultural-historical geographies of the archive: fragments, objects and ghosts. **Geography Compass**, v.7, n.10, p.701-713, 2013.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pró-Posições**, v.20, n.3, p.17-28, 2009.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSOA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia/MG: Assis, 2009.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Orgs.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.93-101.

SILVA, Zélia Lopes da. O centro de documentação e apoio à pesquisa, um centro de “memória” local? In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP/ FAFESP, 1999, p.85-95.

TURNBULL, David. **Masons, tricksters and cartographers**: comparative studies in the sociology of scientific and indigenous knowledge. Amsterdam: Harwood Academic, 2000.

WITHERS, Charles. Constructing the ‘geographical archive’. **Area**, v.34, n.3, p.303-311, 2002.

_____. Edinburgh's geographical centenary – but an intellectual and a departmental history? **Scottish Geographical Journal**, v.124, n.2-3, p.103-116, 2008.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer, em primeiro lugar, ao diretor e aos funcionários do DEG da URCA pela sua prestatividade e pela permissão de acessar o acervo. No ademais, queríamos constatar que tanto as informações obtidas como os silêncios e rejeições foram detalhes importantes para a nossa pesquisa. Por isso, damos os nossos agradecimentos não apenas àqueles que ajudaram na nossa investigação, mas também àqueles que não colaboraram, porque essas interações e (des)comunicações nos permitiram traçar um retrato complexo e polêmico, ainda incompleto, do micro espaço de um departamento acadêmico.